

DEFININDO O CONCEITO DE “CONSUMO DE SI” NO CONTEXTO DA PÓS-GRADUAÇÃO SOB O APORTE DOS ESTUDOS FOUCAULTIANOS

KARINE SEFRIN SPERONI¹; MARIA MANUELA ALVES GARCIA²;

¹ Doutoranda em Educação PPGE/FAE/UFPEL – e-mail: kakasperoni@gmail.com

² PPGE/FAE/UFPEL – e-mail: garciamariamanuela@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Diferentes estudiosos do campo das humanidades vêm problematizando os modos de vida que se produzem no presente e as implicações ao campo da educação, sobretudo aos processos de formação. Este estudo parte do entendimento de que as políticas públicas, e práticas sociais instituídas por elas, produzem uma noção de discente e que esta noção de discente pode estar produzindo efeitos nos processos de formação de doutorandos em educação. Ao entender processo de formação como um conjunto de regras, normativas, procedimentos do governo da conduta, de produção de subjetividades, considero que emerge na contemporaneidade no contexto da pós-graduação uma relação de “consumo de si”. Para desenvolver tal premissa embaso-me nas últimas fases dos estudos de Michel Foucault que se voltam para o estudo do ser, para os modos pelos quais os indivíduos constituem-se enquanto sujeitos, como são produzidos e constantemente capturados pelas diferentes técnicas e tecnologias de poder. Nas aulas proferidas na década de oitenta, do século passado, voltando aos gregos, o autor desenvolve o que denomina de cuidado de si, dentre outras noções. Com base no cuidado de si desenvolvido por este autor e no conceito de consumo desenvolvido por Bauman (2009) busco discutir o conceito de “consumo de si” e como esse fenômeno pode estar emergindo hoje na pós-graduação.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa configura-se como bibliográfica e está subsidiando a constituição do projeto de tese em desenvolvimento junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação, vinculado à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (PPGE/FAE/UFPEL). O projeto intitula-se “A noção de discente nas políticas para a pós-graduação e seus imperativos nos processos de formação de doutorandos em educação”. Utilizou-se para desenvolver este estudo, principalmente, as seguintes obras de Michel Foucault: “O governo de si e dos outros” (2010); “História da sexualidade”, Volumes I, II e III. Também foi utilizada a obra de Bauman, “Vida para consumo” (2009), para dar suporte à construção do conceito “consumo de si”.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao abordar modos pelos quais as instituições e as práticas sociais nos produzem enquanto sujeitos, Foucault (2010), centra na ética e na moral a última fase de seus estudos. Discute com base nos textos da filosofia grega modos pelos quais os gregos eram conduzidos a determinados movimentos, técnicas, exercícios que os levavam à produção de si. As análises de Foucault (2010,1993;1988;1983), nos anos oitenta, desdobram o “conhece-te a ti mesmo”, princípio delfico, que tem suas formas de interpretação no diálogo entre

Alcebíades e Sócrates, analisando como a noção de cuidado de si aparece em diferentes passagens. O cuidar de si, no contexto analisado, sugere que o governo da cidade estava relacionado às artes de governo de si mesmo. A verdade de si é posta em discurso. No entanto para os gregos não havia ainda a noção do eu, que se refere a algo contemporâneo face das transformações sociais vivenciadas pelas sociedades modernas.

A *parresia* nas diferentes aulas proferidas pelo autor no ano 1983 (Foucault, 2010) desdobra-se na governamentalidade. Da *parresia* como arte da fala franca, de dizer sem ter o receio do efeito do que foi dito, uma série de técnicas de si são desenvolvidas. Nestas análises empreendidas pelo referido autor, pode-se destacar que para governar passa a ser necessário agir sob a alma dos cidadão. Deste modo, o problema da *parresia*, conforme aponta Foucault (2010) em suas análises, desdobra-se em um problema de ação filosófica. O governo de si e do outro tem esse caráter de uma ação sobre a alma dos indivíduos, uma vez que para governar a cidade passa a ser necessário não só o investimento na formação do governante, mas também na produção do cidadão necessário à cidade democrática. Além dessas questões, podemos destacar a confissão que, ao longo do desenvolvimento das sociedades ocidentais, é empreendida como tecnologia de governo de si e do outros, também utilizada pelo cristianismo. A confissão, uma prática antiga caracterizada como o ato de falar a verdade sobre si, passa a ser ressignificada pelo cristianismo como uma forma de expiação e conversão do eu. O cristianismo ao constituir-se sob princípios morais próprios põe em operação e, de certo modo, impõe uma moral externa ao indivíduo, de modo a subjetivá-lo – aspecto que se desdobra na produção do eu.

De um processo coletivo passamos a dar ênfase ao particular, ao sujeito que passa a ser posto em discurso. A fabricação discursiva de tipos humanos necessários às transformações em nossa sociedade é uma característica da modernidade. Pode-se destacar que as técnicas e tecnologias de poder se intensificam na modernidade, sobretudo. Essas técnicas e tecnologias agem sob os corpos, tanto para o controle do sujeito quanto da população, de modo a torná-los economicamente úteis, saudáveis, disciplinados, etc. Os modos de produção de si que se desenvolveram na antiguidade dão lugar à produção do eu moderno, contemporâneo. Sob diferentes mecanismos que o fazem ter acesso à verdade sobre si mesmo, o indivíduo é investido por tecnologias que se dispersam nos aparelhos sociais: na família, na escola, na igreja, em diferentes instituições que têm na pedagogia uma forma da produção da subjetividade. O acesso à verdade de si torna-se uma forma de governo de si e do outro.

É importante destacar que os saberes constituídos historicamente corroboram para a formação desse sujeito moderno. Um exemplo se dá com discursos das ciências que produzem formas de sujeito e pelos saberes que se instituem como dominantes. Esses saberes produzem o sujeito moderno, tomam o eu como produtor de si mesmo, um eu consciente das artes de si, que tem domínio sobre si mesmo. Um exemplo são as sociedades disciplinares do século XIX que investiam na captura da alma, na captura de um eu para regulá-lo e discipliná-lo. Vivenciamos hoje outros processos que ainda nos interpelam pela disciplina, mas que conduzem a conduta sob diferentes mecanismos de exercício de poder, que estão interligados em rede. Dentre estes, podemos destacar as tecnologias que cooperam para manter-nos em teias e em redes, que governam nossa conduta individual, ou que tomam a população passível de cálculo e de governo. As mudanças econômicas e o surgimento de rationalidades distintas instituem formas particulares de governo da conduta. O neoliberalismo põe em

articulação algumas destas rationalidades que sob diferentes mecanismos dispostos no social investem na produção de um sujeito primeiramente produtivo, competitivo, responsável por si mesmo, produtor e consumidor não só de bens, mas também de conhecimento (Foucault, 2005;2006;2008a;2008b; Lazzarato,2006 a;2006b). Considero que, para analisar o contexto da pós-graduação hoje e a formação dos discentes doutorandos, é necessário entendermos certas formas de exercício de poder que incidem nos modos de produção de verdade sobre si mesmo e as formas como as rationalidades neoliberais interpelam os modos de ser hoje no contexto da pós-graduação.

Na contemporaneidade experenciamos diferentes formas de governo da conduta. O consumo se refere a uma delas, uma vez que sob jogos de identificação os indivíduos passam a ser interpelados pelo desejo de consumir. A sociedade de consumo produz seus consumidores de modo a promover, reforçar e encorajar a escolha de um tipo de vida com base na estratégia do consumo e rejeita todas as opções sociais alternativas. O que entra em cena na contemporaneidade é fazer de si mesmo uma mercadoria. Consumir significa identificar-se, mesmo que transitoriamente, com determinado produto que captura a subjetividade por inscrever-se como um modo de ser desejável e que supostamente trará benefícios para os sujeitos (Bauman, 2009).

Bauman (2009) discute que as marcas e formas de consumo indicam os grupos a que pertencemos. Consumo é uma forma que incide na vida, identifica, aprisiona o eu, traduz formas de significação da cultura. O exercício de poder não se dá apenas no âmbito dos produtos, mas das relações pessoais, relação do eu com o outro e de si para consigo. O consumo produz um *ethos*, uma forma de ser. Em outras palavras, ele diz respeito à captura da subjetividade, ao desejo de pertencimento e de viver uma forma de vida especial. E como pensar a pós-graduação e produção da subjetividade sob a perspectiva do consumo? Pode-se observar que há uma relação de consumo de si, não só de produção do conhecimento. Consumir informação e produzir conhecimento podem estar relacionados a modos de ser e viver. Assim que é preciso investigar como as políticas baseadas em índices de produtividade podem estar produzindo efeitos nos processos de formação de todos os indivíduos que estão envolvidos com a pós-graduação.

4. CONCLUSÕES

A partir deste estudo pode-se concluir que o consumo de si é uma forma contemporânea de relação do indivíduo consigo mesmo. No contexto da pós-graduação, em que há políticas que incidem nos modos de subjetivação ao sugerir um tipo de indivíduo necessário ao desenvolvimento científico do país, pode estar ocorrendo este processo de consumo de si. Ou seja, quando o eu já está capturado por relações de força, as relações de si para consigo, de invenção e reinvenção, de resistência ao instituído, podem deixar de se tornar movimentos de resistência, instituirem-se como modos de ser já pré-definidos pelas rationalidades neoliberais. A captura do eu conduz ao consumo de si, e processos de vida ou de resistência ao intituído passam a ser mecanismos cada vez mais difíceis de serem postos em ação, de se produzirem como forças ativas de oposição. Aspecto que pode ser observado a partir de uma revisão de literatura na área da educação, sobretudo com base nos resultados da pesquisa desenvolvida por Sguissardi e Silva Júnior (2009), em que os participantes destacam que novos doutores vêm internalizando valores neoliberais, sobretudo pela conduta que conduz ao individualismo, à competição e à excelência da

performance. As políticas hoje no contexto da pós-graduação conduzem a processos de sujeição, as quais capturam os indivíduos pelo desejo de pertencimento a este sistema, pela produção do conhecimento, *status*, dentre outros aspectos. Estar inserido no contexto da pós-graduação gera posição de *status* no que se refere ao contexto universitário, dentre outros aspectos. A relação de si para consigo é de consumo de si para retroalimentar um sistema que o seduz e o fascina. Estes aspectos incidem nos processos de formação dos doutorandos na atualidade e são imperativos de nosso tempo, portanto necessitam ser problematizados no contexto acadêmico.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, Michel. **Historia da sexualidade**: o cuidado de si. Rio de Janeiro, RJ: Edições Graal, 1985.

_____. **Historia da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1988.

_____. Verdade e subjectividade (Howison Lectures). **Revista de Comunicação e linguagem**. nº 19. Lisboa: Edições Cosmos, 1993. p. 203-223.

_____. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. Edições Loyola. 20ª edição, 2010.

_____. **Em Defesa da Sociedade**. Trad. De Maria E. Galvão. SP: Martins Fontes, 2005.

_____. **O nascimento da biopolítica**. São Paulo. Martins Fontes, 2008 (a).

_____. **Segurança, território e população**. São Paulo, Martins Fontes, 2008 (b) (coleção tópicos)

_____. **A Hermenêutica do sujeito**. 2ª Ed. São Paulo, Martins Fontes, 2006.

_____. **O governo de si e dos outros**: Curso no college the France (1983-1984), WMF Martins Fontes, 2010 (obras de Michel Foucault)

SGUSSARDI, Valdemar; SILVA JÚNIOR, João dos Reis. **Trabalho Intensificado nas Federais**: pós-graduação e produtivismo acadêmico. São Paulo, Xamã, 2009.

LAZZARATO. **Políticas del acontecimiento** – 1ª 156T. - Buenos 156TTP156 : tinta limón, 2006. – 1ª 156T. - Buenos 156TTP156 : tinta limón, 2006a.

_____. **As revoluções do capitalismo**. trad. Leonora Corsini. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2006b.